

## **Espaço, corpo, trauma: Ruth Klüger e o campo de concentração<sup>1</sup>**

### ***Space, body, trauma: Ruth Klüger and the concentration camp***

Gabriel Alonso Guimarães

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

gaaguimaraes@yahoo.com.br

**Resumo:** Buscamos investigar a presença de figurações do corpo num relato da sobrevivente do Holocausto Ruth Klüger, intitulado *Paisagens da memória*. A partir da fenomenologia de Merleau-Ponty e das reflexões biopolíticas de Agamben, procuraremos relacionar esse tópico temático com outros tradicionalmente investigados nos estudos sobre a Shoah, como o trauma, por exemplo. Além disso, revelaremos especificidades desse texto, como a menção do *corpo pornográfico* e do *corpo monótono*. Esperamos mostrar, assim, como, antes de tudo, o campo de concentração afeta e se perpetua somaticamente.

**Palavras-chave:** Shoah; Klüger; corpo; trauma.

**Abstract:** We intend to investigate the presence of bodily figurations in Ruth Klüger's *Still alive*, a late testimony of a Holocaust survivor. From the perspective of Merleau-Ponty's phenomenology and Agamben's biopolitical reflections, we try to link bodily experiences with other traditional themes of Shoah studies, such as trauma. We also reveal particular features of this text, such as the pornographic body and the monotone body. In doing so, we hope to show, primarily, how concentration camps affect our bodily structure.

**Keywords:** Shoah; Klüger; body; trauma.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

Recebido em: 18 de novembro de 2016.

Aprovado em: 2 de janeiro de 2017.

*Paisagens da memória* é o título brasileiro da primeira autobiografia de Ruth Klüger (1931), escritora vienense radicada nos Estados Unidos, professora de literatura alemã na Universidade da Califórnia em Irvine. A obra original, de nome *weiter leben* (seguir vivendo), foi publicada primeiramente em 1992 na Alemanha, seguida de uma versão em língua inglesa – do punho da própria autora – intitulada *Still Alive* (2001), na edição americana, e *Landscapes of Memory* (2003), na edição inglesa. Trata-se do relato tardio de sua vida entre a infância em Viena e a mudança para a América no pós-guerra. O cerne do livro são as experiências pelas quais passou nos campos de concentração de Theresienstadt, Auschwitz-Birkenau e Gross-Rosen. Como se observa em todo testemunho da Shoah, essas experiências são traumáticas e deixam marcas profundas na personalidade da autora. Entretanto, à diferença do relato meramente histórico, o texto de Klüger é permeado de reflexões críticas e possui alto teor literário. É por esse, entre outros motivos, que nos voltamos para analisá-lo. Tendo em vista o duplo título do texto original – ou melhor, dos dois textos originais –, queremos observar como essa obra dá testemunho da presença corporal no espaço do campo. Que paisagem olha esse corpo? Ou em que paisagem ele mesmo se encontra? É possível que siga adiante depois do campo? É possível que viva no próprio KZ? Que identidades ele se confere para além do espaço do trauma? São questionamentos que orientam este trabalho.

### **O corpo, seu espaço, o mundo**

Hugo von Hofmannsthal afirma, em um discurso de 1927 na Universidade de Munique, que “nada se realiza na vida política da nação que antes não esteja presente na literatura”.<sup>2</sup> A ficção literária é o espaço onde se encontra, embrionariamente, o futuro político de uma nação. A levar essa formulação a sério, é possível que se veja na literatura surrealista de Breton e Bataille, por exemplo, como mostrou Eliane R. Moraes,<sup>3</sup> a

<sup>2</sup> HOFMANNSTHAL. *Das Schriftum als geistiger Raum der Nation*, p. 13.

<sup>3</sup> MORAES. *O corpo impossível: a decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille*.

antecipação do grande extermínio concentracionário do século XX e, dialeticamente, no campo, uma espécie de surrealismo político. Que essa seja uma tese um tanto ousada não torna menos verdadeiro o fato de que a estética desumana e o corpo fragmentado são comuns a ambos, à literatura surrealista e à biopolítica nacional-socialista. Enquanto, porém, a desfiguração de uns é crítica ao corpo-produto, a dos outros é o ápice de sua industrialização e, naturalmente, de sua destruição.

Com essa manipulação própria ao produto, já se aponta para a discussão do presente trabalho: a forma de existência do corpo no campo de concentração. Parte-se, aqui, em primeiro lugar, da reflexão de Giorgio Agamben na série sobre o *Homo sacer*. O que caracteriza o regime biopolítico moderno é a redução da vida *bíos* à vida *zoé*, isto é, do modo de vida (particular) ao mero ser-vivente. Essa vida nua implica que é na *pólis*, sob o controle soberano, que se decide sobre a realidade mais básica do ser humano: sua vida biológica. Tal redução corresponde a uma animalização do homem e, no pensamento de Agamben, não se limita à modernidade, mas se confunde com a própria exceção soberana, ou seja, com a própria soberania enquanto poder autoconstituente, enquanto potência para suspender a legalidade do direito e instaurar o estado de exceção. “Pode-se dizer, aliás, que a produção de um corpo biopolítico seja a contribuição original do poder soberano”.<sup>4</sup>

A vida nua é, para ele, a vida matável, mas insacrificável do *homo sacer*. Essa figura legal, mais do que uma idiosincrasia do direito antigo, caracteriza a relação de *exceção* que é a base da soberania: a *ex-ceptio*, a inclusão-exclusão da captura por fora. Essa relação entre o soberano e o *homo sacer* – protótipo do cidadão – constitui uma relação de *bando*, no sentido etimológico germânico: o bando é tanto a *bandeira*, a insígnia do poder, quanto o *banimento*, o *abandono*. Inclusão e exclusão. Para Agamben, o campo de concentração é o lugar por excelência da biopolítica moderna. Nele, os judeus mostram-se como os *homines sacri* diante da comunidade do povo sob o comando do *Führer*. Ali, estão aquém do direito, da legislação do corpo político. Excluídos, ainda assim estão capturados – e destinados à morte. São vida nua: manipuláveis como cobaias, descartáveis como coisas.

Essa dimensão de objeto, por sua vez, aponta em outra direção. Para além do campo-estrutura, isto é, como fenômeno biopolítico,

---

<sup>4</sup> AGAMBEN. *Homo sacer*: o poder soberano e a vida nua, v. 1, p. 14.

interessa-nos também o campo-lugar, onde se encontra um corpo fenomenológico. Para tal empreitada, servem-nos como guia algumas reflexões de Merleau-Ponty, uma vez que, no centro de sua filosofia, está posta a questão da existência corporal e do ser-no-mundo. Partindo do problema do membro-fantasma, ele põe em evidência que o “corpo é o veículo do ser no mundo” e que somente “tenho consciência do mundo por meio de meu corpo”.<sup>5</sup> Ele é “aquilo por que existem objetos”,<sup>6</sup> e “para mim não haveria espaço se eu não [o] tivesse”.<sup>7</sup> Essa centralidade revela o ser que somos, que habita no mundo com / por um corpo habitual. A formação deste, por sinal, é a especificidade do ser humano em relação aos animais. Pelo hábito, renunciamos a uma parte da espontaneidade corporal, “engajando-[nos] no mundo por órgãos estáveis e circuitos preestabelecidos”.<sup>8</sup> Por meio dele, o homem veste o hábito da cultura, transcende a mera existência natural e biológica em existência pessoal. Passa a vivenciar (*erleben*), ao invés de meramente (sobre)viver [*(über) leben*]. Humaniza-se.

É desse corpo fenomenológico e autoperceptivo (*Leib*), a partir do qual se vive, que tratamos aqui. É ele que experimenta o campo – tanto o lugar quanto a estrutura biopolítica – e é ele que, pelo confinamento existencial ao qual é submetido, se transforma, se reduz. Se “ser humano significa [...] habitar”,<sup>9</sup> então o habitante do campo – o *homo läger* de Lessa –<sup>10</sup> revela uma nova face da humanidade, ou talvez da inumanidade, na medida em que “é o não-homem que se apresenta obstinadamente como homem”.<sup>11</sup> Será que é possível considerar o campo como casa, habitação? É possível que o corpo permaneça humano ante a exposição da vida nua? Ou será que a fragmentação surrealista é a única realista?

---

<sup>5</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 122.

<sup>6</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 136.

<sup>7</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 149.

<sup>8</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 129.

<sup>9</sup> HEIDEGGER. *Bauen wohnen denken*, p. 149.

<sup>10</sup> LESSA. *O Silêncio e sua representação*, p. 85.

<sup>11</sup> AGAMBEN. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*, p. 87.

## Pornografia

Que o corpo no campo, ex-posto, colocado para fora, seja vítima de uma pornografia é consequente. A nudez da *vida nua* assume aqui também um significado literal. O corpo é nu porque está exposto às intempéries da Natureza, à fragilidade da vida natural – sem roupas adequadas ao frio do inverno –, mas principalmente por estar sob o olhar controlador do Outro, representante da *Nómos* anônima que o condena à exposição. O corpo proibido do judeu – aquele que não pode entrar nos cinemas e nos museus, que não pode usar transporte público – gera um correlato interesse pornográfico. Vejamos.

Em três momentos, Klüger se utiliza do termo *pornografia*. Quando trata da infância vienense, comenta acerca de uma “pornografia política”,<sup>12</sup> a propaganda estatal exibida nas ruas que lhe provocava interesse. Relacionada a ela, há uma “pornografia da morte”, do “uniformizado mundo ariano e masculino, que fazia seus negócios obscuros e obscenos”.<sup>13</sup> A deturpação da imagem do judeu gera, na pequena leitora, fascinação e repugnância: curiosidade pelo material proibido que constitui ao mesmo tempo ameaça a sua vida e seu ambiente. A terceira aparição da palavra, “pornografia dos campos de concentração”,<sup>14</sup> por sua vez, revela a falsidade do interesse das pessoas ao lhe perguntarem se sofreu abuso sexual. O questionamento mascara a volúpia do biopoder: do poder absoluto não só sobre a vida de outros seres humanos, mas principalmente sobre seus corpos. Naquele lugar, não fosse a proibição da profanação da raça, haveria a possibilidade de estupro, como no Gulag, onde, devido ao seu menor número, as mulheres foram “violentadas, prostituídas, contaminadas com doenças venéreas”,<sup>15</sup> ou como no pós-guerra, em que as tropas de Stalin praticaram “estupros em massa de mulheres alemãs [e judias]”.<sup>16</sup>

---

<sup>12</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 50.

<sup>13</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 93.

<sup>14</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 210-211.

<sup>15</sup> BECKER. *Extermínios – O corpo e os campos de concentração*, p. 434.

<sup>16</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 171.

Prova dessa volúpia pornográfica são dois outros trechos do relato. Na seleção realizada em Auschwitz para a transferência ao campo de trabalho de Christianstadt, os homens da SS mandam de vez em quando “uma das meninas nuas exibir-se em exercícios de ginástica, provavelmente para que aquela tarefa entediante tivesse também alguma recompensa”.<sup>17</sup> A impossibilidade, como nazista, de concretizar o ato sexual não impede o gozo voyeurístico do homem diante da nudez feminina. Tal voyeurismo é, ademais, praticado mesmo pelos aliados. A fotografia e o cinema estão entre os meios “autorizados” para a exposição pornográfica do corpo feminino e judeu. “Há um documentário britânico [...] no qual os ingleses prazerosamente filmaram jovens mulheres nuas sob o chuveiro”, diz Klüger.<sup>18</sup> Além dos filmes, o voyeurismo existe pelo exame médico – como forma de punição. A autora relata que uma vez, por ter permanecido na rua após o toque de recolher, foi obrigada a um exame ginecológico, assim como um amigo seu foi obrigado a “arriar as calças para os ingleses, para que estes se certificassem de que os prisioneiros eram de fato judeus”.<sup>19</sup> O exame ginecológico é uma das formas de “estar-à-mercê [*Ausgeliefertsein*]”:<sup>20</sup> estar ex-posto (*aus-gesetzt*).

Estar fora, mas capturado: ex-cepção. Alienado de si. A “nudez imposta significa [...] a auto-alienação, a perda de identidade”, pois “[q]uem é forçado a se expor nu, vai se perdendo aos poucos”.<sup>21</sup> A dinâmica do corpo no campo é a do corpo ab-usado, desviado de sua normalidade e explorado. É a da pornografia: da exposição que põe a nu, que reduz e despersonaliza em animal(esco), que não deixa nada escondido e examina

---

<sup>17</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 120.

<sup>18</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 172.

<sup>19</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 172.

<sup>20</sup> KLÜGER. *weiter leben*: eine Jugend, p. 254; KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 225. Citamos, aqui e em outras passagens, o texto original somente por critérios de evidenciação. Preferimos não alterar a tradução de Irene Aron.

<sup>21</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 130.

“todos os orifícios do corpo para que o judeu não escondesse algo que o Reich ainda pudesse utilizar”.<sup>22</sup>

### Corpo e trauma

Que a teoria psicanalítica do trauma tenha obtido avanços a partir da Primeira Guerra é um tanto óbvio. A palavra tem, afinal, sua origem etimológica no grego *traûma*, que significa *ferida* – uma universal consequência das guerras. A experiência traumática para Freud é essa ferida aberta, “uma vivência que traz em um período de tempo curto um crescimento de estímulo de tal ordem” que derruba qualquer defesa psíquica e cria uma “fixação no momento do acidente”.<sup>23</sup> Esse excedente de violência, que não pode ser processado pela consciência, permanece como resíduo inconsciente, irrompendo como sintoma. Ele é enterrado, incorporado como cripta no Eu, mas é passível de brotar após certa latência.

A metáfora corporal pode ajudar a desenvolver essa teoria em nosso proveito. O trauma é uma *ferida* psicossomática, um passado que, como aberto, insiste em doer no presente. É pelo étimo, em primeiro lugar, *marca no corpo*. Entretanto, existem marcas que, por mais que não sejam dolorosas como o trauma, permanecem e definem comportamentos e que, como *cicatrices*, apontam para um choque traumático anterior. O que antes pode ter sido ferida aberta se fecha e se mantém no corpo da memória, como hábito ou simplesmente como recordação. O bloco de cera aqui não é a alma, como pensa Platão no *Fédon*, mas a pele, essa fronteira entre corpo e mundo. Dessa forma, “[o] campo de concentração fica [...] inscrito no próprio corpo”.<sup>24</sup>

É nessa dupla perspectiva – do trauma / ferida dolorosa e da marca / cicatriz fechada – que certas passagens do relato de Ruth Klüger devem ser observadas. A experiência de cair (em alemão, *fallen*) do vagão sobre a rampa em Auschwitz continua até hoje, diz Klüger: “quando durmo mal, quando acordo da anestesia, quando corro perigo de

---

<sup>22</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 60.

<sup>23</sup> FREUD. *Conferências introdutórias à psicanálise*, apud SELIGMANN-SILVA. *Literatura e trauma: um novo paradigma*, p. 66.

<sup>24</sup> BECKER. *Extermínios – o corpo e os campos de concentração*, p. 430.

vida”;<sup>25</sup> ou permanece como “uma leve tontura, uma sensação de náusea quase imperceptível” que a “acomete [*überfällt*] pouco antes de o avião aterrissar em solo alemão”.<sup>26</sup> O trauma da rampa é concreto: é sensação fisiológica que reencena o “instante inesquecível, enrijecido e petrificado [*verknöchert*] em um sentimento vital [*Lebensgefühl*]”.<sup>27</sup> Rígido como osso (*Knochen*): corpóreo.

As roupas e a tatuagem, como tudo que reveste o corpo, “colocam[-no] em um outro espaço”, diz Foucault.<sup>28</sup> Esse contato estende o espaço corporal. As vestimentas, “assim como a bengala” para o cego, são “um apêndice do corpo, uma extensão da síntese corporal”<sup>29</sup> e, justamente por isso, são passíveis de ser o lugar da ferida do trauma. Dão testemunho disso não só o comentário de Klüger sobre a nudez e a perda de identidade, já referido acima na seção sobre pornografia, como também a experiência do uniforme de prisioneira. Este, que ela passa a usar obrigatoriamente no campo de Christianstadt, é a origem de uma dificuldade em se identificar com as próprias roupas. Quando pode finalmente escolher, diz que preferiu “a princípio o desprezo por elas, portanto, uma espécie de desmazelo que [a] caracterizou”.<sup>30</sup> Sua aparência no pós-guerra, já em território americano, é marcada por roupas que não chamam a atenção – ecoando a recomendação da tia judia na Viena antissemita da infância: “não se deve chamar a atenção nas ruas”.<sup>31</sup> Tal desligamento com a própria aparência é, ademais, causa de rixa com o psiquiatra Lazi Fessler, para quem a menina era desleixada porque não usava chapéu.

Essa dificuldade de identificação surge, no texto, a partir de uma reflexão sobre a uniformização dos prisioneiros. Entretanto, a remissão textual, pela expressão “chamar a atenção” (em alemão, *auffallen*), à

<sup>25</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 128.

<sup>26</sup> KLÜGER. *weiter leben: eine Jugend*, p. 141; KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 82.

<sup>27</sup> KLÜGER. *weiter leben: eine Jugend*, p. 113; KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 103.

<sup>28</sup> FOUCAULT. *Utopian body*, p. 231-232, tradução nossa.

<sup>29</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 211.

<sup>30</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 131.

<sup>31</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 15.

infância vienense, coloca em cena a origem desse trauma no período inicial da segregação: o corpo segregado pela estrela de Davi. Se a roupa separa por símbolos ou por diferentes uniformes, é porque tem, em todos os casos, a mesma função: a de identificar “os gêneros humanos diversos”,<sup>32</sup> isto é, de definir o pertencimento ao corpo biopolítico “saúdável” ou ao “doente”. Semelhante a isso é a tatuagem. Com efeito, “também as axilas dos guardas da SS eram enfeitadas por tatuagens”,<sup>33</sup> mas no caso deles, para a honra. A marca do número, objeto de vergonha para o prisioneiro, é “legível até hoje: A-3537”.<sup>34</sup> Como todo trauma e marca, subsiste ao tempo, no corpo. Para a autora, é fonte de identificação com a própria história: “símbolo da capacidade de viver”, “pedaço de vida e muita memória”.<sup>35</sup> É um resíduo do campo e, justamente por isso, gera incômodo em alguns, como na colega alemã Gisela.

Outros traumas e marcas que partem de experiências-limite do corpo e nele permanecem são, por exemplo: as longas horas em pé durante o toque de reunir, que fazem com que “ficar parada, simplesmente, de pé, [seja] até hoje [...] tão insuportável”;<sup>36</sup> o trabalho escravo em Christianstadt, que faz com que “sint[a] desde então uma aversão a trabalhos físicos que só aumentou no decorrer dos anos”;<sup>37</sup> o frio do inverno de 1944/45, que provoca “sonho[s] com a pedreira” onde trabalhava e faz com que em “toda a [sua] vida, nunca mais [tenha feito] frio de verdade [...] desde então”;<sup>38</sup> ou mesmo a comodidade que,

---

<sup>32</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 130.

<sup>33</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 106.

<sup>34</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 105.

<sup>35</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 209-210.

<sup>36</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 136.

<sup>37</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 137.

<sup>38</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 138; 155.

ausente nos campos, somente tenha se tornado “interessante [...] com o passar dos anos”.<sup>39</sup>

Talvez o mais traumático tenham sido os ambientes de fuga / perseguição nos quais viveu. Que a autora queira constantemente “mudar de endereço” e “nunca aguent[e] muito tempo em um mesmo emprego”<sup>40</sup> aponta diretamente para a sua origem, Viena, “a cidade da qual não consegui[u] fugir”.<sup>41</sup> Essa não fuga é ambígua: é a cidade da qual nunca pôde, literalmente, fugir – de onde foi, portanto, deportada –, mas que, por isso mesmo, sempre foi uma representação de sua identidade traumática de fugitiva, já que lá, naquela cidade-prisão, ela e os parentes estavam “sempre a postos e sempre prontos para partir, de malas feitas, [...] jamais confortavelmente instalados”.<sup>42</sup> Da Viena ambígua, pela perseguição alemã do campo, até a emigração para os EUA e seu constante trânsito dentro da América, fugir – somática ou psiquicamente – representa seu trauma-base, a grande ferida *im-posta* pela biopolítica moderna.

“Cada fantasma que chega pode me desalojar [*enteignen*], / pois tenho de seguir adiante quando algum me diz: ‘Fala’”, diz o poema que finaliza o relato.<sup>43</sup> A fuga é aqui representada pelas palavras do título (*Recusa a depor*) e relacionada à perseguição dos fantasmas. São eles, essas figuras sem corpo, que não a deixam descansar no seu-próprio (*Eigenem*): no *seu* lugar. São mais outra forma de trauma, e talvez possam ajudar a questionar se Auschwitz realmente “não conseguiu [a] reter” e se ela “não pertenc[e] àquele lugar que vi[u] com os olhos, senti[u] com o nariz”.<sup>44</sup> Será assim mesmo? Afinal, a lembrança de lá não “permanece

---

<sup>39</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 196.

<sup>40</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 228-229.

<sup>41</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 20.

<sup>42</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 20.

<sup>43</sup> KLÜGER. *weiter leben: eine Jugend*, p. 284; KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 252.

<sup>44</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 126.

na alma como um corpo estranho”?<sup>45</sup> Não é do paradigma do campo que surgem os traumas e as marcas que condicionam seu corpo e seu espaço no mundo? Auschwitz é resíduo.

### O corpo-no-campo

Se “o corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo”,<sup>46</sup> então é necessário pensar a sua nova “realidade” no campo de concentração. As reflexões até agora têm revelado a centralidade da experiência somático-espacial no relato de Klüger, desde a Viena do pré-campo até a América do pós-guerra. Aqui, voltamo-nos especialmente para o momento do corpo-no-campo, da presença corporal no KZ, e, dessa forma, para a parte central da obra.

“Theresienstadt representou fome e doenças”, diz Klüger<sup>47</sup> e, com isso, aponta um ponto bastante conhecido dos campos. A falta de espaço – 40 a 50 mil pessoas num espaço “onde caberiam de fato somente 3.500” –<sup>48</sup> é outro aspecto um tanto ordinário. A superlotação, algo que também caracterizava os trens de deportação e transporte – 60 a 80 pessoas por vagão no trem de Theresienstadt a Auschwitz, informa a autora –, implica falta de privacidade e impossibilidade de silêncio, como num formigueiro. Essa impossibilidade do espaço íntimo e privado traduz a ex-posição alienante que marca a vida nua e seu portador, o corpo nu. “Tudo público”, e especialmente difícil para as mulheres mais velhas, a geração “que ainda nascera no século XIX, cheia de recato e pudor”.<sup>49</sup> Despimento físico, mas principalmente moral: a eliminação da vergonha humana ou, pelo menos, do direito a ela. Analogamente para o corpo morto: “e depois os cadáveres nus amontoados em caminhões, desordenados sob o sol, cobertos de moscas”,<sup>50</sup> aos quais serão recusados a mortalha e os

---

<sup>45</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 126.

<sup>46</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 273.

<sup>47</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 80.

<sup>48</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 77.

<sup>49</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 111.

<sup>50</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 111.

ritos fúnebres. Despir do pudor, vestir do uniforme. Em ambos os casos, a destruição da possibilidade de individualidade. A recusa do direito de existir autonomamente – de “ser donas de si mesmas”.<sup>51</sup> Diz Klüger: “o comportamento autoritário em Auschwitz visava sempre diminuir, negar a existência humana do prisioneiro, privá-lo de seus direitos” e “gradualmente do direito à vida”, pois “sua existência não é bem-vinda”.<sup>52</sup> Como se vê, “a retirada do direito é inscrita no corpo”.<sup>53</sup>

Em meio a tantas pessoas e num espaço tão exíguo, a indistinção é consequência. Se, por um lado, tornavam-se para o guarda da SS “um mingau de seres inferiores”,<sup>54</sup> por outro, transformaram “aquela comunidade forçada em um braço do movimento juvenil [sionista]”.<sup>55</sup> Essa sociabilidade, que Klüger toma como seu ganho em Theresienstadt, é a forma positiva – talvez própria à experiência de uma criança num campo de passagem – daquilo que Viktor Frankl chamou de “existência num rebanho”, na qual a pessoa se vê somente como “partícula de uma massa enorme”.<sup>56</sup> Daí a tão utilizada metáfora do gado.

O protótipo da forma de existência gregária é o “muçulmano”, sobre o qual diz a autora: “há ainda a falta de esperança apática, encarnada pelo fenômeno dos ‘muçulmanos’, pessoas que perderam o instinto de sobrevivência no campo de concentração e que reagem então como autômatos, quase de maneira autista”.<sup>57</sup> Essas figuras haviam perdido não somente a vontade de autoconservação – esse agarrar-se-à-vida que até mesmo os animais possuem –, mas também a possibilidade de controle sobre o próprio corpo. Agamben transcreve o relato dos sobreviventes Z. Ryn e S. Klodzinski, que contam como um muçulmano, depois de receber uma bordoadada de um homem da SS, “parou, sem dar-se conta do que lhe

---

<sup>51</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 80.

<sup>52</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 103.

<sup>53</sup> LAUTMANN. *Körpervermittelte Rechtlosigkeit – die KZ-Haft als Idealtypus*, p. 1127.

<sup>54</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 121.

<sup>55</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 82.

<sup>56</sup> FRANKL. *Em busca de sentido*: um psicólogo no campo de concentração, p. 69.

<sup>57</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 98.

havia acontecido, e quando recebeu um segundo e um terceiro golpe por ter-se esquecido de tirar o gorro, começou a borrar-se porque estava com disenteria”.<sup>58</sup> Klüger, por sua vez, relata o caso de uma senhora que chega a um estágio próximo a esse no transporte para Auschwitz. A mulher “foi aos poucos perdendo a razão, gemia, soluçava” até que “[s]entou-se no colo de minha mãe e urinou”.<sup>59</sup> O calor e o ambiente claustrofóbico no trem, na “lata de sardinhas”,<sup>60</sup> leva o corpo aos seus limites, ao ponto de não se ter mais controle sobre os esfíncteres.

No que diz respeito à sexualidade, Klüger chega a dizer que estavam “tão subnutridas que nenhuma mulher menstruava”.<sup>61</sup> Isso dá ensejo para que a autora compare a situação no *Lager* à dos animais num zoológico: a reclusão é prejudicial à reprodução. E como diz Frankl, “em contraste com a vida em outros alojamentos em massa (quartéis e similares), não ocorre aqui qualquer depravação sexual”,<sup>62</sup> nem mesmo interesse fisiológico. O extermínio nazista atinge um nível ainda mais profundo: a eliminação do desejo e, dessa forma, da perpetuação genética. Eliminação também da humanidade, se, no ser humano normal, a percepção possui uma estrutura erótica e “o corpo visual é subentendido por um esquema sexual”, “que acentua as zonas erógenas” e “reclama os gestos do corpo”.<sup>63</sup>

Outro fenômeno considerável é o surgimento de um *corpo monótono*. Comparável à uniformização que elimina a individualidade, há uma monotonia causada pela fome, a qual “assume um lugar no cérebro que, de resto, deveria ser reservado para pensamentos”.<sup>64</sup> Eliminação da identidade humana: “desvalorização de tudo aquilo que não serve ao interesse mais imediato da preservação da vida”, “retraimento ante

---

<sup>58</sup> AGAMBEN. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*, p. 50.

<sup>59</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*, p. 100.

<sup>60</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*, p. 102.

<sup>61</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*, p. 136.

<sup>62</sup> FRANKL. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, p. 49.

<sup>63</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 216.

<sup>64</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*, p. 81.

todas as questões intelectuais”, isto é, “*hibernação cultural*”.<sup>65</sup> Fome onipresente, “monóton[a] ao contar”,<sup>66</sup> “tédio da rotina diária dos prisioneiros. Fome, sede, insidioso desconforto físico são entediantes na medida em que não têm fim, na medida em que se anseia pela passagem do tempo”.<sup>67</sup>

Esse enfoque exclusivo nas necessidades corporais, ao qual são reduzidos os prisioneiros, revela outro aspecto de como a biopolítica do campo transforma a existência humana em existência meramente biológica. O corpo monótono, enfocado e entediado, é como o corpo animal. “Se o homem não deve ser encerrado na ganga do meio circundante sincrético em que o animal vive”, “é preciso que [...] cada situação momentânea deixe de ser para ele a totalidade do ser”, diz Merleau-Ponty.<sup>68</sup> É porque o homem transcende o ambiente (*Umwelt*) em mundo (*Welt*), formando o corpo habitual sobre a base do corpo atual (preso às necessidades imediatas), que se torna humano. Na medida em que o campo reduz a preocupação humana à atualidade – exponencialmente, uma vez que isso se realiza dentro da *rotina* –, animaliza-se o prisioneiro.

A sede é outro aspecto corporal referido por Klüger e “causava muito mais sofrimento do que a fome”.<sup>69</sup> Era tamanha que se bebia da “água contaminada [e proibida] da bomba que havia no pátio”, temendo-se com isso “não tanto ficar doente, mas sobretudo ser pega em flagrante”.<sup>70</sup> inversão de preocupações ante a vigilância biopolítica do corpo. Tal sede crescia, entre outras razões, na medida em que “em Auschwitz nunca havia água suficiente”.<sup>71</sup> Isso relata Klüger num conjunto de oito vinhetas, nas quais se veem outros aspectos da existência

---

<sup>65</sup> FRANKL. *Em busca de sentido*: um psicólogo no campo de concentração, p. 51.

<sup>66</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 81.

<sup>67</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 107.

<sup>68</sup> MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 129.

<sup>69</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 108.

<sup>70</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 84.

<sup>71</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 110.

do corpo-no-campo, como, por exemplo, aqueles que são as “lembranças físicas de Auschwitz”: “o calor” durante os toques de reunir, “o fedor” da fumaça sobre o campo “e, sobretudo, a sede”.<sup>72</sup> Observa-se ali também a cotidianidade da morte, “tema de conversa diária”, morte sobre a qual se diz proverbialmente no campo: “A chaminé vai arder tanto para você como para mim.”<sup>73</sup>

A figura da chaminé é muito relevante. Se, na arquitetura biopolítica de Agamben, o espaço do campo “pode, aliás, ser eficazmente representado como uma série de círculos concêntricos” que “continuamente roçam um não-lugar central, habitado pelo muçulmano”,<sup>74</sup> na arquitetura do medo era a chaminé – o destino do muçulmano – que se encontrava no lugar central. Em Birkenau, ela era escândalo para uma professora secundária da Europa Central – pois, segundo esta, “estávamos no século XX [...] no coração do mundo civilizado” –<sup>75</sup> e, além disso, “provocava um horror angustiante”<sup>76</sup> na Klüger de doze anos. Pavor da morte que ela precisa recalcar no imediato da experiência – “[I]á, tudo era muito próximo [*hautnah*]” –,<sup>77</sup> mas que, no campo seguinte, o de Christianstadt, elabora num poema: “A chaminé”.

Essa tentativa precoce de “emoldurar o trauma” em versos regulares e, dessa forma, “criar um contrapeso ao caos” dá provas da importância da literatura como forma de sobrevivência, de “manter-se psicologicamente com a cabeça fora d’água, sem afogar”.<sup>78</sup> O poema, citado somente de forma parcial e em três momentos diferentes, articula muito bem algumas questões centrais trabalhadas aqui. Já pelo estribilho

<sup>72</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 110.

<sup>73</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 110.

<sup>74</sup> AGAMBEN. *O que resta de Auschwitz*: o arquivo e a testemunha, p. 59.

<sup>75</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 109.

<sup>76</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 144.

<sup>77</sup> KLÜGER. *weiter leben*: eine Jugend, p. 126; KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 114.

<sup>78</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 115.

– “Auschwitz está em suas mãos / tudo, tudo há de queimar” –,<sup>79</sup> a autora revela a onipotência da figura da chaminé: ela é a Lei no campo. “Só a chaminé é real”, e dela, “ninguém nunca escapou”.<sup>80</sup> A força dos versos, muito afeitos a uma lírica tradicional, vem da apresentação dessa realidade somático-espacial negadora de vida. Fogo e fumaça, e “na fumaça / um rosto desfigurado”,<sup>81</sup> e o arame farpado como o horizonte a partir do qual nasce o sol, de luz fraca em comparação com a “outra chama”.<sup>82</sup> o campo aí se encontra transfigurado em metonímias. No poema, além disso, aparece a figura do muçulmano, com sua apatia e alienação. Ele, destinado por excelência ao forno crematório, não é sua única vítima: “E quem me construiu feito uma cova / no fim também hei de tragar”.<sup>83</sup> Desejo infantil de punição do algoz, talvez nunca realizado. Referência antecipada, se se leva em consideração a data de composição original (1944/1945), à *Todesfuge* de P. Celan. *Cavamos uma cova nos ares*.

O que se vê, nesses vários exemplos, é o aparecimento do corpo no texto-memória. A escrita revela que, em última instância, é a existência corporal que é afetada pelo campo, e de tal maneira que, depois da experiência nos *Lager*, a “concepção de espaço” da autora se torna “de fato, bastante modesta”.<sup>84</sup> A biopolítica atinge o corpo fenomenológico – e o traumatiza pela vida. Se é ele, o corpo, que surge na memória, é porque, nela, tudo é individual, nada é geral. Não é de espantar, por isso, que ao campo-museu e à cultura museológica – criticados numa passagem por seu banimento dos fantasmas – falem justamente “a transpiração dos corpos humanos, o cheiro e a emanação do medo, a agressividade concentrada, a vida a definhar”.<sup>85</sup>

---

<sup>79</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 98.

<sup>80</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 114; 148.

<sup>81</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 114.

<sup>82</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 114.

<sup>83</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 148.

<sup>84</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 149.

<sup>85</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória*: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto, p. 72.

## Conclusão

Ao longo da presente reflexão, vimos recorrentemente o que revela o título brasileiro da obra aqui analisada: há paisagens que se inscrevem na vida e no texto, e que, pela sua própria estrutura, põem um corpo a olhar a distância – à distância do tempo memorativo. Com traumas, pornografias, fugas, fantasmas e figuras animais, em Klüger, a interação do corpo marcado com o campo habitado retorna sempre, inescapavelmente, e conforma a identidade. Em todo lugar, o campo reaparece porque o próprio espaço é projetado a partir do corpo (ferido), seu marco zero. Em todo lugar, há “[a]rame farpado intransponível”<sup>86</sup> entre os sobreviventes e os mortos, entre os sobreviventes e a geração seguinte, e nenhuma comunicação, nenhuma (auto)consolação é possível. Por isso, o descanso que se promete a autora na última página do relato é ilusório. Se a escrita é, para ela, uma tentativa de fugir à permanência do trauma-ferida – a última grande fuga, como vê Wickerson –,<sup>87</sup> ainda assim, como mostramos, não surte efeito, não pode surtir.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. v. 1.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BECKER, Annette. Extermínios – o corpo e os campos de concentração. In: CORBIN, Alain *et al.* (Org.). *História do corpo*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3, p. 417-441.
- FOUCAULT, Michel. Utopian body. In: JONES, Caroline A. *Sensorium: embodied experience, technology, and contemporary art*. Trad. Lucia Allais *et al.* Cambridge: The MIT Press, 2006. p. 229-234.
- FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Trad. Walter O. Schupp. Petrópolis: Vozes, 2008.

---

<sup>86</sup> KLÜGER. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*, p. 89.

<sup>87</sup> WICKERSON. Seeing the sites: the topography of memory and identity in Ruth Klüger's *weiter leben*.

HEIDEGGER, Martin. Bauen wohnen denken. In: \_\_\_\_\_. *Gesamtausgabe*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000. v. 7, p. 147-164.

HOFMANNSTHAL, Hugo von. *Das Schriftum als geistiger Raum der Nation*. München: Verlag der Bremer Presse, 1927.

KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. Trad. Irene Aron. São Paulo: Ed. 34, 2005.

KLÜGER, Ruth. *weiter leben: eine Jugend*. München: DTV, 1998.

LAUTMANN, Rüdiger. Körpervermittelte Rechtlosigkeit – die KZ-Haft als Idealtypus. In: REHBERG, Karl-Siegbert (Ed.). *Die Natur der Gesellschaft*. Frankfurt am Main: Campus Verlag, 2008. p. 1122-1137.

LESSA, Renato. O silêncio e sua representação. In: SCHWEIDSON, Edelyn (Org.). *Memória e cinzas: vozes do silêncio*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 83-101.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível: a decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma: um novo paradigma. In: \_\_\_\_\_. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005. p. 63-80.

WICKERSON, Erica. Seeing the sites: the topography of memory and identity in Ruth Klüger's *weiter leben*. *The Modern Language Review*, Cambridge, v. 108, n. 1, p. 202-220, Jan. 2013. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.5699/modelangrevi.108.1.0202>>. Acesso em: 17 jul. 2016.